

DE UMA PASTA DE VELHOS RECORTES

JOÃO DE LAET E A CAPITANIA VICENTINA¹

Carvalho FRANCO

É sabido que João de Laet, escritor holandês, nascido na segunda metade do século XVI, dedicou-se principalmente ao estudo de assuntos americanos e uma de suas obras, intitulada *O Novo Mundo ou Descrição das Índias Ocidentais*, cuja edição “princeps” é de 1625, feita em Leyden pelos Elzeviers, mereceu de Tromel o qualificativo de “trabalho de grande mérito.

Em 1630 os mesmos editores tiraram novos exemplares dessa obra e, sobre essa segunda edição fizeram uma tradução francesa, dada à luz em 1640 e nela, como nas precedentes, os livros XV e XVI dedicavam-se ao Brasil, sendo no primeiro dos livros citados os capítulos 16 e 17 consagrados à descrição especial da capitania de São Vicente.

Varnhagen, nas suas *Reflexões críticas*, supõe que João de Laet tenha estado no Brasil em 1596 e esclarece que, para sua obra, ele se valeu muito dos escritos de um autor português, cujo nome não

1. O “recorte” que escolhemos para o presente número reveste-se de um significado especial: passa por ser a mais antiga descrição da vila de Piratininga e do planalto paulista, datando de 1625 e de autoria de holandês João de Laet. Ele nos foi revelado por Carvalho Franco (1886-1953) uma das mais expressivas figuras da historiografia paulista, de quem já nos ocupamos num dos primeiros números desta publicação (nº 34 de junho de 1972), quando tivemos oportunidade de relacionar toda a sua obra histórica e enquadrando-o na nossa série de “Vultos da historiografia brasileira”. Além de seus numerosos livros que revelam acurada pesquisa histórica, contribuiu com dois importantes trabalhos de divulgação entre nós de relatos estrangeiros, quais os de Hans Staden e de Anthony Knivet. Trabalho específico, no gênero, é o seu precioso *Dicionário de bandeirantes e sertanistas de São Paulo*, publicado em 1954.

cita, mas que é tido como sendo Manuel de Moraes. Que João de Laet se serviu apenas de informações pessoais e de livros já impressos, para fonte de seu trabalho, é ponto que ele mesmo não oculta e, quer no índice, quer no fim do prefácio da primeira edição, menciona os autores para isso consultados.

Com referência à capitania de São Vicente, verificamos ter colhido dados com Wilhelm Jost tem Glimmer, com Jarric, com Hans Staden, com Antônio Knivet e com o escritor português Nicolau de Oliveira.

Tratando-se de obra bastante rara e curiosa, ocorreu-nos dar aqui a tradução do capítulo XVII do Livro XV, da edição francesa de 1640, parte essa que diz respeito à Capitania de São Vicente e se intitula: “Descrição mais pormenorizada dessa capitania e da vila de São Paulo e das ilhas adjacentes”, cumprindo não esquecer que João de Laet escrevia antes de 1625. Eis, assim, o capítulo em questão:

“A três léguas da vila de Santos, subindo o rio, encontram-se montanhas muito altas, chamadas pelos selvagens ‘Paranaepiacaba’, as quais se alongam quase do mesmo modo que as costas do mar. O rio contém nesse intervalo, muitas ilhas, nas quais os portugueses têm herdades e bastante hortas; sobe-se o rio em canoas até o lugar que eles denominam ‘Cubatôa’, onde as águas são doces, não distando mais que duas léguas das montanhas de que falamos e que delas de precipitam. Outros sim, ‘Paranaepiacaba’ são montes largos e direitos, cuja subida é difícil e de cerca de duas ou três horas, talhada entre o arvoredado em forma de degraus, com a largura de cem ou cento e cinqüenta passos; do alto da montanha o caminho que leva a São Paulo estende-se primeiramente para o sul, depois direito para o oeste, em meio de montes e florestas, pelo espaço de seis ou sete léguas; existem dois riachos que cortam esse caminho, os quais se reúnem fora da floresta e correm em direção a leste, perdendo-se finalmente no rio de ‘Iniambi’ ou ‘Anhemby’.”

Deixando a floresta, o caminho percorre cerca de uma légua para o oeste e daí por diante, quatro ou cinco para o norte, em meio de campos sem nenhuma árvore, até a vila de São Paulo. Esta está situada sobre uma colina elevada de cerca de cento e cinqüenta passos; ao pé da qual passam dois ribeiros, um dos quais desce do sul

e outro do oeste, juntando-se nesse sítio e correndo unidos para o “Iniambi”; tem a pequena vila para o sul, leste e norte uma linda vista sobre belos campos abertos; para o oeste, sobre florestas; contém cem moradias ou pouco mais e cerca de duzentos habitantes, entre portugueses e mestiços; uma igreja paroquial, dois m̃steiros beneditinos e carmelitas e um colégio dos padres da Companhia de Jesus. A principal renda provém de ovelhas e das lavouras dos campos. No verão não é muito quente devido à viração provinda da montanha, qual tempera o ardor; no inverno faz algum frio, de modo que muitas vezes faz geada e outras tantas se vê nevadas. A terra é, tanto na largura como no comprimento, bela e fértil, dividida, variada e agradavelmente em campos, bosques, encostas e montanhas; produz trigo abundantemente, embora não tenha boa cor; ao demais ela é muito propícia ao gado, de que resulta nada aí faltar além do sal, azeite e vinho.

Cerca de uma légua de São Paulo, do lado do norte, passa o rio “Iniambi”, bastante largo e que tem capacidade para navegação de pequenos barcos, embora muito piscoso; sai das montanhas de Paranaepiacaba, a oriente de São Paulo; e desce para o ocidente; no tempo das chuvas, transborda às vezes, inundando os campo baixos. Ao norte deste rio, existem montanhas que se estendem de leste a oeste trinta ou quarenta léguas, mantendo uma largura de dez, doze e algumas vezes quinze léguas. Nessas montanhas demoram diversas minas de ouro, que se encontra em grãos tanto grandes como pequenos e mesmo em pó, e que é comumente avaliado em vinte e dois quilates.

As minas de ouro que se descobriram nestes anos precedentes são: “S. Iago” e “S. Cruz” nas montanhas de Paranaepiacaba, a quatro ou cinco léguas do mar; “Geragua”, cerca de cinco léguas de São Paulo para o norte, e a dezessete ou dezoito léguas do mar; Sierra dos Guaramumis” ou “Marumiminis”, seis ou sete léguas de São Paulo, ao nordeste e a vinte ou pouco mais, do mar; “Nuestra Sennora de Monserrate”, dez ou doze léguas de São Paulo para o noroeste, onde se encontram pepitas que pesam às vezes duas ou três onças; “Buturunde” ou “Ibituruna”, a duas léguas da precedente, para o oeste; “Punta de Cattiva”, a trinta léguas de São Paulo para o sudeste.

Quase trinta léguas da mesma vila de São Paulo, para o sudoeste, ficam as montanhas de “Berasucaba” ou “Ibiracoiaba”, abundantes em veios de ferro, não lhes faltando também veios de ouro, que os selvagens “Cananeas” têm por hábito extrair. Nessas montanhas os portugueses construíram presentemente uma pequena vila denominada “S. Phillippe”, mas que não tem muita importância; o rio “Iniambi” se alarga nesse sítio e recebe muitos outros rios que descem tanto do sudoeste como do noroeste e daí se diz que enfim ele vai lançar-se no rio “Paraná”; ele é portanto navegável apenas na confluência dos dois, devido aos muitos saltos que possui.

Cerca de quatro ou cinco léguas de São Paulo, à beira do caminho que leva a “Bersucaba”, existe um engenho de açúcar; o açúcar se emprega na feitura de marmeladas e conservas, porque aí cresce uma grande quantidade de marmelos e todas outras espécies de frutas.

Por último, a quatro ou cinco léguas de São Paulo para o leste, demora uma aldeia de índios, na qual habitam alguns portugueses; está situada à beira do rio “Iniambi” e se denomina “S. Miguel”; a quatro léguas dela para o oriente se encontra a pequena vila de “Mogimiri”, contendo poucas casas, muito perto do rio “Iniambi” e das montanhas de “Paranaepiacaba”, a algumas léguas acima dessa pequena vila, no encontro dos montes de “Paranaepiacaba” com aqueles que dissemos se estenderem de leste a oeste, nasce o rio “Iniambi”, de três ou quatro fontes.

Quando se atravessam essas montanhas que se encontram entre leste e oeste, acham-se outras terras e planícies espaçosas, que são cortadas por um outro rio bem caudaloso, o qual se chama “Rio de Sorobis”, que percorrendo grande trato de terra e precipitando-se de muitos saltos, vai, ao que se crê, lançar-se no oceano, entre Cabo Frio e Espírito Santo. Para o ocidente deste rio, ficam grandes as províncias campestres, pouco ou nada habitadas de selvagens, através das quais passam rios correndo para o sudeste e como é de crer buscam o grande rio “de la Plata”; elas são limitadas do lado de nordeste por altas e rudes montanhas, sobre as quais existe a atoarda de ouro e de prata nos baixos. Ao norte desse rio, principalmente o que se lança no mar entre a Bahia e Pernambuco e que se chama rio de São Francisco.

Ao encontro da embocadura do rio e do porto de Santos, a quase vinte milhas inglesas de intervalo, está situada a ilha de São Sebastião, comprida e espaçosa; e um pouco mais para o sul, existe

uma menor, alta, denominada “Alcatrasse”. Entre a ilha de São Sebastião e a terra firme fica uma obra bastante segura, por maiores que sejam os navios, bem garantida contra a incerteza dos ventos; a própria ilha oferece várias baías, onde a pesca é muito boa e grande a facilidade para se tomar água; quanto ao mais, ela é quase inacessível devido à mata que impede os que a abordam de conhecer o interior; seu principal porto é chamado “Porto dos Castellanos”. Basta nomear somente os ilhotes da “Victória” e dos “Búzios”.

Finalmente, fronteiro à ilha de São Sebastião, residem na terra firme alguns portugueses, formando uma aldeiola. Antonio Knivet, inglês, denomina-a “Iaquerequere”; e perto daí, ainda existe uma outra aldeiola chamada “Pianita” habitada por selvagens que têm por nome “Pories”. Eis o que tínhamos a dizer da capitania de São Vicente que o nosso autor diz ter, da vila de Santos para o sul, cinqüenta léguas e para o norte, quinze ou vinte.

À mesma capitania pertence também a colônia de “Piratinga”, a dez ou doze léguas de vila de São Vicente, dentro do país e nos campos, dos quais já muitas vezes fizemos menção; na qual os jesuítas tiveram a sua residência, como eles contam, e foi saqueada e arrasada no ano de 1600 pelos selvagens, mas que ao certo já foi restaurada”.

Aqui terminamos o capítulo traduzido de Laet e temos para nós que todo ele oferece sugestão para o desenvolvimento de vários pontos de nossa história antiga. A relação das minas de ouro vicentinas, com a respectiva localização, a referência aos índios mineradores “cananéias”, a aldeia de “Pianita”, habitada por silvícolas puris e algumas outras referências deste trecho do escritor holandês, estão certamente a merecer interessantes monografias dos estudiosos de nossas coisas.

(“O Estado de S. Paulo”, 20 de dezembro de 1936)